

# Discriminação sufoca cultura do povo Maxacali

Foto/Paulo de Deus

MÁRCIO GOMES  
De Bertópolis

Índio é uma palavra quase nunca pronunciada na sociedade de Bertópolis e toda região do Vale do Mucuri, em Minas Gerais, muito embora em menos de 40 quilômetros do centro urbano vivam, divididos em duas aldeias, cerca de 750 indígenas do povo Maxacali. Entre os moradores da região, o Maxacali virou "caboclo", num sentido bem mais amplo do que o simples conceito de "mestiço do branco com índio". Aliás, a miscigenação nem mesmo está presente na pejorativa denominação recebida pelos indígenas: são caboclos porque são maltrapilhos, malcheirosos, pedintes, alcolatras e marginais.

Carregada de preconceito, mas também com forte porção de realidade, a sobrevivência dos Maxacali se deve, em grande parte, à condição assumida de pedintes e "ladrões", comportamento que não satisfaz ao próprio indígena nem à Funai e muito menos aos fazendeiros da vizinhança. Afinal, são de suas propriedades que saem, pela forma que o Direito classifica de furto ou roubo, dezenas de cabeça de gado, lavouras e hortifrutigranjeiros. E a Funai até hoje não encontrou ações que coibam essa atitude.

## Justificativa

Esse "comportamento marginal" garante aos fazendeiros ocupantes de uma faixa de 1.864 hec-

tares divisores da reserva dos Maxacali, um argumento que vêm utilizando a todo momento contra a decisão do Ministério da Justiça em reunificar a área indígena, desapropriando as fazendas intermediárias. "Os índios não ocupam sequer a área que lhes é demarcada. Não têm criatório nem plantação, vivendo de saques", atacam os produtores rurais no processo que movem para anular a decisão do Ministério da Justiça.

O fazendeiro Valdevino da Silva Cabral, embora não corra o risco de ver seus 980 hectares desapropriados, é partidário da tese de que "os índios não precisam de mais terra, pois a área que têm não é utilizada", criticou. Mas não é esse argumento "economicista" o que mais importa para os antropólogos e à própria Funai.

"A manutenção da cultura Maxacali está diretamente ligada à ampliação da área", explicou o administrador regional da Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada. Ele ressaltou que, além do crescimento populacional, há ainda os costumes indígenas — manifestações culturais que exigem áreas extensas — e o passado do povo, que tem nas terras tituladas em nome dos fazendeiros templo religioso, cemitério e outros pontos importantes para os Maxacali.



Em áreas limitadas, sem condições de caçar e pescar livremente, os índios Maxacali vagam pela região sempre à procura de alimento a qualquer custo

## Fome e hábitos diferentes tornam ações paliativas

Vingança e manifestação cultural fazem parte de muitas das razões que motivam os ataques indígenas, mas a alimentação escassa nas aldeias desencadeia um processo que tem fugido ao controle da Funai e lhe valido críticas dos diferentes setores. É certo que o órgão tem demonstrado esforços, mas estes se esvaem com as contraditórias ações e políticas indigenistas.

Nem tudo que vale para o índio Xacriabá, por exemplo, pode ser aplicado nos Maxacali. "Os Xacriabá têm carro próprio, barco a motor, mil cabeças de gado" — constatou Carlindo Ferreira das Neves — "e mantém a mesma cultura". A primeira vista pode-se tomar isso como verdade, mas a língua própria, por exemplo, importante elemento na preservação cultural indígena, inexistente entre os Xacriabá, enquanto persiste fortemente arraigada entre os Maxacali.

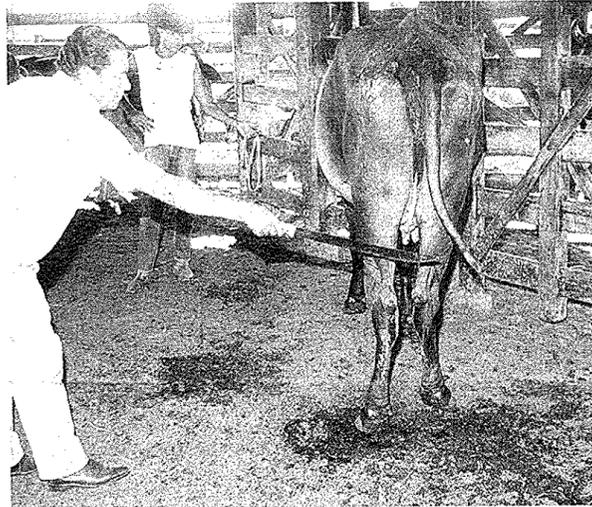
Os Maxacali não assimilaram ainda, por exemplo, a pecuária e agricultura como forma de produção e exploração da terra. De fato essas atividades não fazem parte da cultura, "e as tentativas de implantação das atividades incorrem em erros que a Funai parece não entender", criticou a irmã Ângela Matos, missionária da Pastoral Indigenista, residente em Machacalis, há nove anos atuando na região. Ela se refere à inobservância por parte da Funai do caráter individualista do índio Maxacali, que não concebe a ideia de trabalho cooperativo.

Em 1991, acordo fechado entre os índios e os fazendeiros buscava acabar com o saque na região. "Fizemos duas doações, que somaram umas 160 cabeças de gado para ser criado na aldeia. Mataram o gado, levaram para a rua e trocaram por cachaça", atacou o major Pinheiro. Que a cachaça é um elemento dos mais graves entre os Maxacali, não há como negar — as farmácias de Bertópolis estão proibidas de vender até mesmo desodorante para os índios. Porém, a matança dos animais ocorreu mesmo porque o curral comunitário não agradou a nenhum dos 58 clãs existentes nas duas áreas.

### Plantio

O mesmo ocorre com as plantações. Além da pouca disponibilidade de recursos para aquisição de sementes, os Maxacali não deixam suas outras manifestações para estar por todo tempo cuidando da lavoura. Mediante a fome, as raízes, como mandioca, são arrancadas quando atingem pequeno tamanho, menos da metade da produtividade possível. "Fiz um projeto que garantia doação de alimento até que a mandioca estivesse em ponto de colheita, e a partir daí implantar áreas que se renovassem constantemente, sem comprometer o abastecimento", contou o chefe da Seção de Produção da Funai em Governador Valadares, Francival de Oliveira Lobo.

Do projeto, 60 hectares de manivas (semente de mandioca) foram plantadas, mas os recursos para garantir alimento ao índio até a safra não saíram. Resultado: em menos de dois meses a mandioca estava sendo arrancada, quando deveria ser esperado pelo menos um semestre. Terminado o alimento, cresce a peregrinação dos indígenas, que saem em grandes grupos caminhando por toda região. (MG)



Laurindo Sena mostra com o facão como o índio "caça o boi"



A fome faz com que o Maxacali arranque as mandiocas da terra antes da hora

## Terra barata não é atrativo

A atitude do major Manoel dos Santos Pinheiro em "adquirir barato" fazendas na área intermediária dos Maxacali contrasta com a boa intenção de qualquer produtor rural. Afinal, os empresários do setor buscam sempre distância das áreas indígenas, pois se existe um negócio arriscado, é adquirir terra envolvida nesta questão. Que o diga Valdevino Cabral: sua intenção é vender seus 980 hectares e ir produzir em outra freguesia. Porém, não encontra comprador.

No início deste ano, Cabral quase se "livrou" da fazenda que tem sob o curral, segundo os índios, um cemitério com seus antepassados. Nem mesmo a desvalorização da propriedade a CR\$ 1,7 milhão o alqueirão (em torno de 20 hectares) — contra média de CR\$ 10 milhões para área no extremo sul da Bahia — convenceu o comprador. A fazenda chegou a ser negociada a CR\$ 90 milhões no dia 12 de janeiro, mas ao saber do envolvimento com os Maxacali, o virtual proprietário desistiu da compra.

"Da noite para manhã, levam tudo", relatou a professora Zilda Gomes da Silva, herdeira de 73

hectares na área intermediária, adquiridos pelo seu pai em 1963. "Nós estamos aguentando porque reduzimos o número de animais e à noite todo gado é recolhido ao estábulo próximo da casa", explicou. O recolhimento dos animais ao entardecer é adotado, por exemplo, pelo fazendeiro Laurindo Pereira Sena, o maior proprietário da região intermediária.

### Descrência

"Toda a vida nós votamos negociado. Matamos vaca para dar comida ao eleitor no dia de votação, em troco de tranquilidade, que nunca tivemos", desabafou Laurindo Sena, descrente de possível vitória contra a portaria do Ministério da Justiça que manda desapropriar a área intermediária para reunificação das aldeias indígenas. Desde 1947, quando chegou com seus pais à região, a família Sena enfrenta o ataque dos índios. "De 72 para cá, com a saída do capitão Pinheiro da área, os problemas voltaram e a crise se agrava quando a Funai diz não estar com dinheiro, sem condição para poder assistir o índio." (MG)

## Tradição dá lugar a atos de vingança

O fato de sempre terem sido caçadores e coletores, ainda que hoje tais atividades estejam inviabilizadas pela inexistência de matas e florestas na região, está de tal forma enraizado, que ainda não se apagou do universo mitológico dos Maxacali. Isso tem levado ao fracasso algumas das tentativas da Funai em implantar uma nova lógica na sociedade Maxacali.

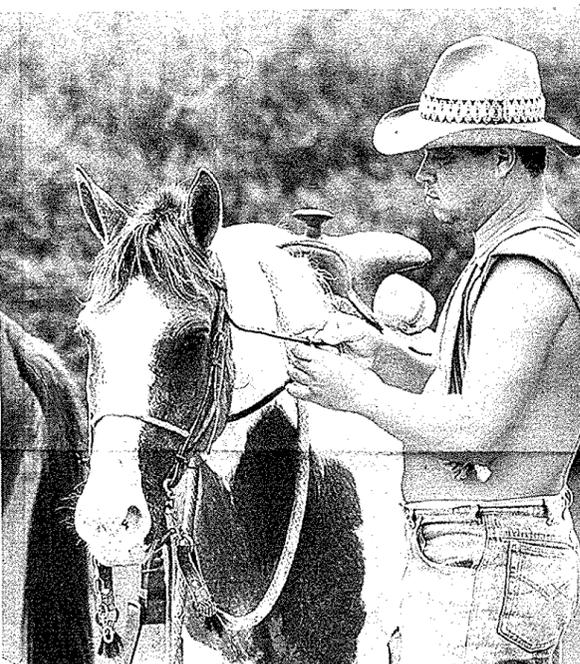
"Se com a reunificação o comportamento nas aldeias não mudar, a Fundação Nacional do Índio terá que reavaliar todo seu procedimento", admitiu Carlindo Ferreira das Neves, da Funai, que em agosto completará 40 anos de nascimento e de convívio com os Maxacali. Seu pai trabalhou 45 anos no antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). A expectativa de Carlindo Ferreira — com 13 anos quando da administração de Pinheiro, "injusta com os índios e com os pequenos fazendeiros da região" — se pauta num dos motivos que também gera o ataque indígena aos fazendeiros: ajuste de contas. "Os roubos e saques às fazendas são formas de vingança contra os posseiros", analisa o delegado Clauberti Teixeira, de Águas Formosas, no Vale do Mucuri, onde moram grandes pecuaristas, fazendeiros em Bertópolis.

### Antropologia

O delegado Clauberti Teixeira não está longe da realidade. O laudo antropológico de Maria Hilda Paraíso, pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, comprova que "os roubos e saques às fazendas passaram a ser vistos não só como continuação tradicional do hábito de caça e coleta, mas também como forma de vingar-se dos ocupantes da área pretendida".

Se, desde um passado remoto, o Maxacali conserva com a transmissão verbal sua língua original, não é impossível que essa vingança perdure entre as novas gerações. Algumas tentativas de acordo, sempre sucedidas de períodos de calma, mostram que é possível minimizar esses ataques. A distribuição de alimentos pela Funai, ainda que paternalista; a doação de animais pelos fazendeiros; o incremento da agricultura, levam tranquilidade aparente à região. (MG)

● Próximo Domingo: a cultura Maxacali e as dificuldades de sobrevivência.



O produtor José Santana Filho responsabiliza a administração Funai

## Fazendeiros culpam a Funai

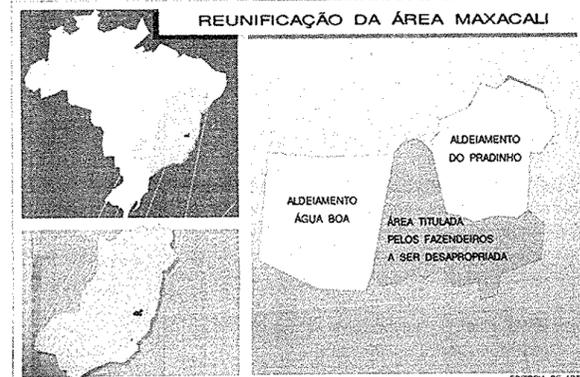
O desabafo do fazendeiro Cabral tem algum sentido. Afinal, se o seu "xará" português observou que por aqui "plantando tudo dá", foi ele quem descobriu que tudo nasce, mas nem sempre é colhido. Em seu caso, e de muitos produtores rurais da região, os índios sempre chegam primeiro. Na luta pela sobrevivência, o comportamento natural de coletor e caçador dos indígenas é exercido nas lavouras e pastagem das fazendas mais próximas. Principalmente aquelas que os índios reservam alguma revolta contra seus respectivos proprietários.

Valdevino Cabral está entre aqueles produtores constantemente atacados. No final da semana passada ele perdeu quatro cabeças de gado, abatidas na própria fazenda por grupo indígena. Cabral figura em primeiro lugar entre as ocorrências policiais por roubo de gado, que no ano passado representou o abate de 60 reses e que, segundo relatório do escrivão da Delegacia de Polícia de Machacalis, Evandro Santos Martins, já chegou a 30 cabeças neste ano.

### Reclamações

Com essas sucessivas perdas a presença dos Maxacali se tornou uma reclamação constante junto à Polícia Federal, responsável pela fiscalização da área. O pequeno produtor Manoel Ferreira Lopes conta com humor que "as porcas que engordava para o casamento da filha foram comidas pelos índios antes do noivado". "Eles atacam porque estão passando fome", ponderou o fazendeiro José Santana Filho, um dos vizinhos da área indígena de Água Boa, ao fazer sérias críticas à administração da Funai. "Neste verão os índios estão garantindo o almoço nos pés de manga da região", reforçou.

Por mais que tente, o órgão tem sempre caído em equívocos nas ações de mudança da "economia" coletora, de caça e de pesca ainda preservada pelos Maxacali. Com suas florestas totalmente desmatadas, além de rios e riachos com pouca pesca, resta somente aos índios "caçar" os bois nas fazendas vizinhas, coletar as frutas nos pomares da região e colher nas poucas lavouras existentes no meio rural. (MG)



EDITORA DE ARTE